

AS EXPOSIÇÕES DE ARTE DA ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS E A LEGITIMAÇÃO DO ACADEMICISMO

THE ART EXHIBITIONS OF THE ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS AND THE LEGITIMATION OF ACADEMICISM

Clarice Rego Magalhães (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS / UFPEL)

RESUMO

Trata-se de estudo sobre as exposições de arte realizadas anualmente pela Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA) enquanto dispositivos de legitimação de um tipo de produção artística dentro do campo da arte no âmbito da cidade de Pelotas (RS), cidade fortemente ligada à tradição. Por meio da coleta e análise das fontes de pesquisa, principalmente jornais da época, pôde-se concluir que as exposições realizadas pela Escola de Belas Artes de Pelotas tiveram influência na produção e apreciação artística, e, portanto, na história da arte pelotense, ao mostrar, difundir e valorizar um determinado tipo de produção artística. Conclui-se que a EBA desempenhou papel importante na manutenção academicismo na cidade de Pelotas por meio das exposições que realizava.

PALAVRAS-CHAVE

Exposições de Arte. Escola de Belas Artes. Academicismo. Arte Acadêmica. Escola de Arte.

ABSTRACT

This is a study of the art exhibitions held annually by the Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA) as devices to legitimize of a type of artistic production within the field of art in the city of Pelotas (RS), a city that is strongly linked to tradition. Through the collection and analysis of research sources, mainly newspapers of the time, it was concluded that the exhibitions held by Escola de Belas Artes de Pelotas had an influence on artistic production and appreciation, and therefore on the history of art in Pelotas, by showing, valuing and spreading a certain type of artistic production. The conclusion is that EBA played an important role in maintaining academicism in the city of Pelotas through the exhibitions it held.

KEYWORDS

Art exhibitions. Escola de Belas Artes. Academicism. Academic Art. School of Art.

A Escola de Belas Artes de Pelotas (EBAP ou EBA de Pelotas), instituição de ensino de arte de nível superior atuante na cidade de Pelotas (RS) de 1949 a 1973¹, se caracterizou por manter uma produção artística fortemente ligada ao academicismo, mesmo em um período em que já estava sendo adotado o modernismo em várias instituições de ensino de arte brasileiras. Este artigo analisa as exposições de arte realizadas anualmente pela Escola enquanto dispositivos de legitimação de um tipo de produção artística dentro do campo da arte no âmbito da cidade de Pelotas, cidade fortemente ligada à tradição.

Segundo Bourdieu (1989), exposições podem ser consideradas “atos de consagração”, pois conferem prestígio aos expositores e concentram capital simbólico perante a sociedade e entre a elite cultural. As exposições de arte, pelo poder simbólico que lhes é inerente, funcionariam como estratégias de distinção social. É um momento de celebração que, juntamente com a cobertura realizada pela mídia, confere prestígio ao Estabelecimento, aos artistas e às obras.

“A consagração cultural submete os objetos, pessoas e situações que ela toca a uma espécie de promoção ontológica que se assemelha a uma transubstanciação” (BOURDIEU, 2011, p. 14). Inclusive, para o autor, a arte e o consumo artístico estariam predispostos a desempenhar, independentemente da vontade ou do saber das pessoas, uma função social de legitimação das diferenças sociais (BOURDIEU, 2011, p.14).

A EBA já expõe os seus trabalhos ao público no final do primeiro ano de existência. Como a Escola precisava obter verbas para sobreviver, mostrar o que estava sendo produzido seria uma maneira de conseguir o interesse de quem pudesse ajudar, além de demonstrar a quem já estava ajudando os resultados conseguidos em oito meses de trabalho. Ao noticiar a inauguração da mostra, o jornal A Opinião Pública aproveita a oportunidade para ressaltar que a escola estava “vivendo às expensas de escassas subvenções concedidas pelos poderes públicos municipais”, e que seu funcionamento se devia “à abnegação de um grupo de artistas esperançosos de poderem fazer algo de concreto em proveito do ensino das belas artes em Pelotas” (A OPINIÃO PÚBLICA, 19/dez/1949).

Realizar a mostra era também um modo de dar retorno a quem estava ajudando a escola, como por exemplo a prefeitura municipal na pessoa do prefeito Joaquim Duval, que foi convidado a presidir o ato inaugural e se fez presente emprestando o prestígio do seu apoio ao empreendimento. O evento foi considerado “acontecimento dos mais auspiciosos para a cidade, que traz em si a abnegação de um punhado de amantes da delicada arte” (JORNAL DA TARDE, 19/12/1949). O jornal, além de elogiar a exposição, destaca o talento de alguns alunos.

Constatamos verdadeiras obras de arte, entre os inúmeros e belíssimos trabalhos expostos, na sua maior parte feitos a lápis. Destacamos muito principalmente o talento revelado pelas alunas Benedita Casaretto, Hilda Mattos, Iná Costa, Conceição Abadie, Therezinha Röhrig e Yeda Louzada. José Júlio, o único expositor em trabalhos a óleo, revela-se um artista de grandes méritos na espécie, isso sem falarmos nos seus magníficos trabalhos a lápis e como artista caricaturista (Jornal da tarde, 19/12/1949).

Não foram todos os alunos que participaram da exposição, somente aqueles cujos trabalhos demonstraram já neste primeiro ano terem obtido um grau de qualidade que justificasse a sua exposição ao público. A mostra era formada em sua quase totalidade por desenhos, pois era considerado, no método acadêmico, que o aluno antes de começar a lidar com as tintas, pincéis e telas teria que ter passado pelo aprendizado completo do desenho, dominando a técnica dos lápis, pastéis e carvões sobre papel. Foram expostos também trabalhos em modelagem e algumas pinturas. Esta primeira exposição de trabalhos de alunos da EBA acontece no dia 06 de dezembro no hall do Grande Hotel, e foram expostos, juntamente com os trabalhos dos alunos, esboços do professor Aldo Locatelli, o que foi destacado nos jornais e, naturalmente, atraiu ainda mais o público (Jornal da Tarde, 17/12/1949). O jornal regozija-se pelo brilhantismo da mostra da Escola, e finaliza “almejando-lhe que sejam seus nobres propósitos amparados como merecem a bem da família e do município de Pelotas” (JORNAL DA TARDE, 17/12/1949).

A Opinião Pública também elogia a produção, considerando-a “reveladora de inegável capacidade artística, manifestada, seja na perfeição dos traços, seja na beleza e rara fidelidade da interpretação dos motivos escolhidos”. No final da matéria fala do êxito alcançado por “tão grande realização que é a Escola de Belas Artes” (A OPINIÃO PÚBLICA, 19/dez/1949). Segundo A Opinião Pública da véspera do encerramento da exposição (21/dez/1949), a mostra de trabalhos da EBA

“marcou mais uma etapa das mais animadoras quanto ao êxito da iniciativa dos fundadores do novel estabelecimento de ensino das artes em Pelotas”.

No final de 1950 acontece a segunda exposição da EBA, no salão nobre da Biblioteca Pública de Pelotas. Como sempre, o Diário Popular elogia e divulga o acontecimento, em matéria assinada por “A. C.”, que diz que “Pelotas recebe agora, com a segunda exposição de trabalhos dos alunos da sua Escola de Belas-Artes, uma pujante demonstração do que poderá fazer esse grupo de futuros artistas, sob a orientação segura do pintor Locatelli” (DIÁRIO POPULAR, s/data, Coleção MMP² p. 65).

Diz o articulista que percebe nos alunos da Escola de Belas Artes de Pelotas o desejo de trabalhar, progredir, aperfeiçoar-se, e termina afirmando que constata, com alegria, que com a orientação do excelente mestre Locatelli não será difícil que os alunos compreendam e sigam a direção do guia, a qual é de trabalho sério e concreto. Finaliza destacando “Como Ingres, direi: continuem, e... ‘uma longa paciência’”!

A terceira exposição de trabalhos de pintura, desenho e modelagem da Escola de Belas Artes acontece em 1951. Reportagem de jornal diz que “o atraente certame apresenta obras as mais variadas, e algumas bem impressionantes”, e que está sendo grandemente visitado e admirado, determinando uma verdadeira romaria de curiosos ao salão nobre da BPP, e que os trabalhos atestam o “inteligente e belo esforço dos futuros alunos” e a real eficiência de seus mestres (recorte de jornal, Coleção MMP p. 88).

Aqui chamo a atenção para o fato de que a obra de arte, assim como a disposição estética, são as realizações mais acabadas de uma estética dominante (BOURDIEU, 2011, p. 167), sendo o objeto de arte “a objetivação de uma relação de distinção” e estando, por isto mesmo, “propositalmente predisposto a manter tal relação” (BOURDIEU, 2011, p.213). Destaco também que toda a apropriação de uma obra de arte é uma relação social, e, contra a ilusão do comunismo cultural, uma relação de distinção. A obra de arte pertence ao campo da cultura, sendo capital cultural objetivado, e

O capital cultural objetivado só existe e subsiste atuante como capital cultural, do ponto de vista material e simbólico, nas e pelas lutas travadas nos campos da produção cultural – campo artístico, campo científico, etc. – e, acima disso, no campo das classes sociais; aliás, nessas lutas, os agentes despendem forças e obtêm lucros proporcionados ao controle que exercem sobre esse capital objetivado, portanto, à medida de seu capital incorporado (BOURDIEU, 2011, p.214).

As obras de arte produzidas na EBA não eram apenas expostas ao público, mas eram também julgadas e classificadas. Desde a época das academias de arte francesas (séc XVII) existiam julgamentos, e eram conferidos prêmios aos que eram considerados os melhores trabalhos, que consistiam em maneiras de evidenciar o que era considerado de valor e auxiliar na legitimação da produção artística, pelo aval da instituição. Em Pelotas, é instituído pela Prefeitura, em outubro de 1952, o prêmio “Estímulo às Artes” para os três melhores trabalhos de Pintura e em escultura.

No final do ano de 1952, acontece a já tradicional exposição de final de ano dos alunos da EBA. Segundo o Jornal da Tarde, a fita simbólica foi cortada pelo prefeito municipal, Mário Meneghetti, que também estava representando o governador do estado. Como sempre, consta em matéria de jornal os nomes de pessoas importantes que foram prestigiar o acontecimento, como altas autoridades, diretores de entidades artísticas e culturais, além de “outras pessoas gradas”, enfatizando que o ato “esteve grandemente concorrido” (JORNAL DA TARDE, 11/12/1952). O presidente da Escola, Dr. Francisco Simões, falou de improviso e, emocionado, exteriorizou o seu entusiasmo por ver alcançada com tanto sucesso uma meta com a qual sempre sonhara, como bom pelotense. Enalteceu o trabalho dedicado de Locatelli e D. Marina, e não deixou de evidenciar os auxílios recebidos pela Escola por parte dos poderes públicos, auxílios estes que permitiram a “magnífica realização”.

No dia 14 é publicada matéria de jornal, assinada por Ivy, que tece considerações sobre a mostra. Diz do aproveitamento entusiasmante dos alunos, e da prodigiosa e inteligente orientação que está tendo a interessante instituição educacional e que a senhora Marina Pires e o mestre-pintor Locatelli são merecedores dos “mais notáveis elogios coruscantes”, assim como opina a respeito de “determinados alunos, que atingem um nível bastante feliz e de promissora qualidade de desenho e

cores. A bonita exposição é alguma coisa de belo, de precioso, de maravilhoso, que não se descreve: vê-se e sente-se” (DIÁRIO POPULAR, 14/12/1952).

Pede então ao povo, à cidade de Pelotas, que, congregar, jovens, velhos, ricos, curiosos, intelectuais, artistas, pobres, alunos, amantes das artes, que visitem a bonita exposição que orgulha a nossa cidade cultural, e que aplaudam a novel instituição. Diz que esta é uma obrigação e respeito que devemos aos jovens pintores e aos distintos e competentes mestres. Ao final, o autor da matéria se diz sublimado e enlevado diante das pequenas-grandes obras-primas. Em outra reportagem de jornal, ainda a respeito desta exposição, consta que o Sr. Ademar de Barros declarou textualmente; “Estou admirado de encontrar em Pelotas uma Escola de Belas Artes realmente digna desse nome” (Recorte de jornal, Coleção MMP, p. 125).

A mostra dos alunos da EBA é valorizada por ser a mostra dos alunos de seu importante professor de pintura. Isto fica claro quando, no ano seguinte, em matéria de jornal a respeito da possibilidade de a EBA expor em Porto Alegre, o articulista comenta a respeito dos trabalhos apresentados nesta exposição, que “trazem o cunho indelével do grande mestre da pintura universal que é Aldo Locatelli” (JORNAL DA TARDE, 06/03/1953).

No ano seguinte, 1953, a Escola realiza uma exposição excepcional. Em 18 de maio, a EBA apresenta uma exposição de trabalhos de seus alunos em Porto Alegre, no auditório do Correio do Povo, reunindo, na sua inauguração “o que de mais representativo existe em nossos meios oficiais, intelectuais, artísticos e sociais” (FOLHA, 19/05/53). Estavam presentes o Dr. Tasso Corrêa, diretor do Instituto de Belas Artes da capital, acompanhado de vários professores, e representando o reitor da Universidade do Rio Grande do Sul, o Sr. Odilon Silva. A realização do certame de arte se deveu aos esforços envidados neste sentido pelos deputados Osmar Grafulha e Joaquim Duval, e foi patrocinado pelo governador do Estado do RS, que presidiu o ato inaugural, e pelo prefeito de Pelotas. A mostra, considerada uma das mais significativas exposições que ali já haviam sido realizadas, foi organizada pela EBA, com material representativo do adiantamento de suas classes,

com o intuito de revelar ao público da metrópole algumas fortes vocações para as artes plásticas que estão sendo orientadas e

amadurecidas naquela Casa, fundada e mantida pelo idealismo de um grupo de destacados pelotenses e que representa dignamente a cultura da grande cidade sulina (recorte de jornal, Coleção MMP, p. 137).

Discursou o Dr. Francisco Simões, presidente da Escola, manifestando o seu reconhecimento ao governo do Estado e ao prefeito de Pelotas, à Secretaria da Educação e aos deputados Grafulha e Duval, e dizendo dos esforços que estavam sendo feitos pela diretoria e professores para que a EBAP pudesse “cumprir sua alta missão pela propagação das artes plásticas no sul do Estado” (recorte de jornal, Coleção MMP, p. 138).

O discurso oficial foi proferido pelo Secretário da Educação Dr. Julio Marino de Carvalho que, depois de cumprimentar os dirigentes e expositores da Escola, fez uma verdadeira exaltação da arte clássica, ao mesmo tempo em que deplorava a deturpação da arte moderna, que com sua “ausência de sentido, plena de efeitos idióticos, exóticos, de cartaz, apresenta cada decênio como um estilo... uma mentirosa plástica que saqueia indiferentemente a Assíria o Egito ou o México...” – citando Will Durant (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19/05/53). Concluiu desejando que a Escola de Belas Artes de Pelotas “continue no seu programa, pois o seu trabalho fecundo somente poderá engrandecer o Rio Grande do Sul no seu papel pela grandeza da arte nacional” (recorte de jornal, Coleção MMP, p. 138). Falou ainda, pela Escola, a agora ex-vereadora D. Osmânia Campos.

“Um apreciável contato com a atual orientação de Pelotas no pictorialismo escolar nos é proporcionado com a visita da caravana de professores e estudantes, tendo à frente o Dr. Francisco Simões” (CORREIO DO POVO, 21/05/53). O Correio do Povo de 21 de maio, na seção “Notas de Arte”, em artigo assinado por “A. O.”, fala sobre a mostra pelotense de pintura, dizendo, antes de mais nada, que

Pelotas á a cidade das tradições e, do mesmo passo, das aspirações artísticas bem acalentadas. A terra de Simões Lopes Netto, de Caringi e de Gotuzzo está num período de real renovação. Anima movimentos sinfônicos com a Orquestra Sinfônica de Pelotas, tem seu animado conservatório de música e a sua Escola de Belas Artes, fundada em 1949, com um corpo docente variado, apresentando a sua frente Aldo Locatelli, o artista pintor que aquela cidade fez vir da Itália, para lhe decorar a Catedral e labora nos mais diversos centros do Rio Grande do Sul, com um muralismo variado (CORREIO DO POVO, 21/05/53).

Diz que, enquanto em Porto Alegre nota-se o predomínio do paisagismo e do marinhismo, a mostra pelotense é definida pela arte da figura humana, rumo do itálico Aldo Locatelli, nisto sintonizando com o grupo de Bagé. Diz que na mostra o humano é a matéria-prima, que a forma é variada entre os estudantes pelotenses, mas que o signo característico é o da “figuração pastosa, que define a índole itálica de Locatelli”, à diferença por exemplo de Fahrion, de pastosidade mais leve, exprimindo isso temperamentos e culturas diferentes. Compara também os trabalhos da geração nova de Pelotas com mostras coletivas de pretensos mestres de pintura européia radicados em São Paulo, para verificar o quanto os pelotenses estão à altura deles e demonstram inspiração e boa orientação.

Diz o autor do artigo que Locatelli tem o domínio da forma no sentido da tradicionalidade peninsular, com isso inicia seus discípulos na busca do corpo humano, da anatomia ao movimento. O artista Locatelli havia ponderado que procurava iniciar seus alunos nos domínios e problemas da figura, para depois deixar liberdade de rumos, mas o fato é que a arte itálica, do cinema à pintura, do teatro à literatura, apesar do futurismo e de todo o modernismo, é uma experiência regida pelo império da realidade e do homem objetivados, ao contrário do subjetivismo da arte modernista.

Segundo o artigo, a pintura tradicional harmonizaria-se com a cidade de Pelotas, de estilo provincial recolhido e ainda gozando de sossego. Já Porto Alegre, metrópole industrial e comercial, no seu transe e ritmo vital, após o interregno da guerra, acorda apressada e busca o signo da progressão, desrespeitando tradições.

Ainda sobre esta exposição, é publicado no jornal Correio do Povo (23/05/1953), artigo do esteta Renato Costa intitulado “A exposição dos alunos da Escola de Belas Artes de Pelotas – uma afirmação vitoriosa de arte”. Inicia com comentários e evocações de um glorioso passado artístico, dizendo que essas lhas haviam surgido ao espírito diante da admirável coleção de obras dos jovens alunos da EBAP. Diz que a Escola, criada há apenas cinco anos, já oferecia aos olhos um conjunto de notáveis qualidades pictóricas, em uma harmoniosa produção. Diz também que o mestre Aldo Locatelli pôde imprimir a esses jovens pintores as tendências

magníficas da sua notável virtuosidade artística. mas salientando que se observavam nas ótimas telas expostas qualidades e refinamento pessoais muito acentuados. Considera os maiores valores da mostra Hilda Mattos, Franca Bianchezi, Jader Siqueira, Yara Casstro e Inah Costa, “não só pelo vigor exuberante das suas figuras, notadamente os auto-retratos, como de algumas paisagens, de surpreendente colorido e ótima factura”. Ressalta os retratos e os nus da mostra pelotense

Nos retratos – gênero dos mais difíceis, pela exigência da semelhança e a espontaneidade da construção – primam aqueles que representam a própria figura do expositor, não só pela correção e proporções justas do desenho, como pelas tonalidades e seriedade da composição. Por sua vez, os nus expostos, em que o vigoroso desenho anatômico revela qualidades estruturais magníficas, e o colorido da carne se ajusta à atmosfera ambiental, formam um conjunto dos melhores trabalhos da mostra (CORREIO DO POVO, 23/05/1953).

Finaliza afirmando que D. Marina e seus colaboradores devem envaidecer-se pelo êxito alcançado, e que a cidade de Pelotas deve orgulhar-se de haver proporcionado ao Rio Grande a alegria de um tão surpreendente conjunto de artistas e de uma admirável mostra de arte, “sem os clangores e o alarde de uma propaganda ruidosa”. Esta última expressão do articulista é uma manifestação contra os seguidores da arte moderna, que ele criticara no início de sua escrita, quando falara sobre

a deformação do sentimento estético, o exagero de um grupo de falsos intérpretes e discípulos das novas correntes renovadoras da pintura e os imitadores da técnica tão pessoal de um Gauguin, de um Van Gogh, sem o instinto e a intuição que caracterizavam o seu espírito reformador, tentando, em vão, criar um mundo artificial de formas imponderáveis, incoerente e vazio.

Toda essa geração, impregnada de acentuado espírito revolucionário, para o qual os antigos processos de fixar em uma tela a forma dos objetos, ou de interpretar-lhes a cor, já não condiziam com a evolução de uma arte que se humanizava, jamais se preocupou de truncar o destino de uma estética ou de criar uma arte desfigurada e exótica (CORREIO DO POVO, 23/05/1953).

Em suma, no artigo o autor faz, além de críticas aos artistas que seguem a moda modernista, um elogio à arte acadêmica que se praticava na EBAP.

A exposição de 1953 é muito especial, porque assinala a formatura da primeira turma da EBAP e é a primeira a conceder prêmios aos melhores trabalhos. Acontece, como no ano anterior, no Clube Caixeiral. Locatelli, embora não more mais na cidade, vem a Pelotas para coordenar a organização da importante mostra. A exposição, segundo os jornais, foi visitadíssima, recebendo os participantes os mais calorosos aplausos

O prefeito Dr. Mário Meneghetti elogiou as atividades do estabelecimento fazendo votos de progresso e triunfo e prometendo o apoio de seu governo para a Escola de Belas Artes. O jornal elogia o evento, “franqueado à visita pública diária, o recinto da exposição é um atestado vigoroso da atmosfera de trabalho e constitui o resultado incontestável de eficiência didática do estabelecimento, que é um justo orgulho para a nossa cidade” (recorte de jornal, coleção MMP, p. 172), além de destacar o esmero dos trabalhos, os valorosos mestres e a orientação da exma. Professora Marina de Moraes Pires, incansável diretora.

No dia do encerramento da exposição, no artigo assinado por L. C. Vinholes, no Diário Popular (20/12/1953), é dito que esta exposição “constitui um marco seguro na história da cultura artística desta cidade”. O articulista elogia a exposição, dizendo que o povo de Pelotas teve a oportunidade de ver o que de meritório e valoroso se está fazendo na Escola, “a futura e verdadeira escola de artes plásticas do Rio Grande do Sul”, e que devia sentir-se orgulhoso de possuir tão importante centro de estudos artísticos. Tece várias considerações sobre os trabalhos expostos, estranhando a ausência quase absoluta de estudos e quadros paisagísticos e a preocupação pelo estudo do nu artístico, dizendo também que são de muito interesse os estudos de características mais modernas, onde grandes são os problemas estéticos e estilísticos a resolver. Enfatiza a importância de D. Marina quando diz que se deveria render os mais calorosos agradecimentos à sua pessoa, dinâmica diretora e ponto centralizador das idéias que culminaram com a fundação deste importante estabelecimento (DIÁRIO POPULAR, 20/12/1953).

A convite do Diário Popular, o pintor Adail Bento Costa, que participou da comissão julgadora dos trabalhos, publica em suas páginas impressões sobre a V Exposição da EBA. Adail declara, inicialmente, ter verificado com imensa satisfação o espírito de trabalho que reinava entre os alunos, exteriorizado pelo número e qualidade das

obras expostas. Adail, que era, segundo a matéria “uma honra viva e dinâmica para o nosso país”, tece considerações a respeito dos trabalhos de cada um dos quatro alunos vencedores, que foram Luis Notari, Hilda Mattos, Inah Costa e Yara Castro, discorrendo sobre as qualidades das suas obras (DIÁRIO POPULAR, 12/1953).

Considerações finais

Pode-se concluir que as exposições realizadas anualmente pela Escola de Belas Artes de Pelotas, com a influência que tinha a instituição de ensino de nível superior sobre a cultura da cidade, amplificada pela cobertura feita pela mídia - especialmente pelos jornais -, teve influência na produção artística, e portanto na história da arte pelotense, ao mostrar, valorizar e difundir um determinado tipo de produção artística. A EBA desempenhou papel importante na manutenção do gosto pelo academicismo na cidade de Pelotas por meio das exposições que realizava. Se pôde observar também, pelas fontes obtidas e analisadas, que a EBA usava estas exposições para obter prestígio junto à elite pelotense e conseguir auxílio financeiro para sua manutenção.

Notas

¹Em 1973 a EBAP foi incorporada pela Universidade Federal de Pelotas, passando a constituir o Instituto de Artes desta Universidade

² A Coleção Marina de Moraes Pires é um conjunto de documentos colecionados durante toda a existência da Escola de Belas Artes de Pelotas (recortes de jornais, convites, telegramas, cartas, fotografias) pela fundadora da EBA, D. Marina de Moraes Pires, que foram doados por sua neta Janice Pires Corrêa Franco ao Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. Esta coleção foi digitalizada e está disponível para pesquisadores.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. MICELI, Sérgio (Org.). São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. 2 ed rev. Porto Alegre:Zouk, 2011.

BOURDIEU, Pierre . **A Produção da Crença** – contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 3ª Ed. Porto Alegre/RS: Zouk, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A Reprodução - elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Lisboa: Editorial Vega, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **La noblesse d'état**: grandes écoles et esprit de corps. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **O amor pela arte – os museus de arte na europa e seu público**. São Paulo: Zouk, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro / Lisboa: Bertrand Brasil / Difel, 1989.